

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

THAÍS SILVA DE ASSIS

APROXIMAÇÕES: o Processo de 21 Dias e a Sociologia da Religião
de Max Weber

ALFENAS

2014

THAÍS SILVA DE ASSIS

APROXIMAÇÕES: o Processo de 21 Dias e a Sociologia da Religião
de Max Weber

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Alfenas como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação
do Professor Doutor Lucas Cid Gigante.

ALFENAS

2014

THAÍS SILVA DE ASSIS

APROXIMAÇÕES: o Processo de 21 Dias e a Sociologia da Religião
de Max Weber

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Alfenas como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação
do Professor Doutor Lucas Cid Gigante.

Área de Concentração: Sociologia

Data da defesa:

Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Lucas Cid Gigante

Prof. Dr.

Universidade Federal de Alfenas

Luís Antonio Groppo

Prof. Dr.

Universidade Federal de Alfenas

Sandro Amadeu Cerveira

Prof.Dr.

Universidade Federal de Alfenas

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu orientador, Lucas Cid Gigante, por ter adotado a ideia de desenvolver a pesquisa que apresentamos aqui e por ter me instruído com paciência e clareza durante todo o período em que trabalhamos juntos.

Registro também o agradecimento à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) por ter financiado, com bolsa PROBIC, a pesquisa de Iniciação Científica que culminou neste trabalho de conclusão de curso.

À família Sideral e aos demais membros da comunidade devo minha gratidão por, por meio da benevolência que lhes é peculiar, terem sido superiores ao desafio de aceitar uma pessoa desconhecida em seu território quando me receberam em seus lares e espaços sagrados com disposição, tranquilidade e confiança.

Sou grata aos meus pais, João Carlos e Magali, porque me amaram desde os tempos que não tenho lembrança e porque, dentre todas as concessões que fizeram por mim, aceitaram a escolha destes estudos – abrindo mão de suas expectativas pelos meus sonhos. Ao meu amado irmão, João Carlos, agradeço pela companhia na infância e pela doce comunhão que se sustenta entre nós desde então.

À generosidade incomparável dos Lima, que foram minha família em Alfenas durante quatro anos, reservo uma parcela especial de gratidão. Principalmente à Thamires por ter compartilhado comigo bens materiais e imateriais com compaixão e bom-humor, desde o primeiro dia.

Igualmente agradeço àqueles cujas almas pertencem ao mesmo território que a minha: meus amigos e minhas madrinhas, Jaysa e Josilene. Sem o que todos vocês significam para mim, sem o quanto me inspiram, incentivam e ensinam, este trabalho não teria sido possível.

RESUMO

Este trabalho pretende evidenciar os significados religiosos do Processo de 21 dias executado no Sítio Aurora. Com tal intuito, a pesquisa que culminou na elaboração desta apresentação foi pautada por observações da experiência, conversas informais com os sujeitos e entrevistas. Paralelamente, o material coletado em campo foi cotejado com conceitos da Sociologia da Religião de Max Weber. Foram feitos exercícios de aproximação e distanciamento entre o objeto empírico e o instrumental teórico selecionados com o objetivo de compreender os sentidos visados pelos sujeitos nas ações. Portanto, no limite, este trabalho é um esforço de tradução do fenômeno observado.

Palavras-chave: Experiência religiosa; Sociologia da Religião; Max Weber.

ABSTRACT

This study aims to highlight the religious meanings of The 21 Day Process performed at Sítio Aurora. Concerning this purpose, the research, which culminated in the elaboration of this presentation, was guided by observations of the experience, informal conversations and interviews with the participants. Meanwhile, the field data collection was collated with the concepts of Max Weber's Sociology of Religion. Exercises of approximation and detachment between the selected empirical object and the theoretical tool were carried out in order to understand the meanings referred by the subjects in their deeds. The present academic work is, therefore, an effort to convey the observed phenomenon.

Keywords: Religious Experience; Sociology of Religion; Max Weber.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 O PROCESSO DE 21 DIAS	9
2.1 O Sítio Aurora.....	10
2.2 As orações diárias	11
2.2.1 Posturas.....	11
2.2.2 Procedimentos.....	13
2.2.3 Depoimentos	15
2.3 Sobre felicidade e Prana	16
2.4 Visão de si e do mundo.....	17
3 A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO DE MAX WEBER	20
3.1 A religião segundo Weber	20
3.2 Conceitos selecionados	23
4 APROXIMAÇÕES.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
BIBLIOGRAFIA	31
APÊNDICE – Roteiro de Entrevista	32
ANEXO – Reprodução do Folheto de Orações.....	33

1 INTRODUÇÃO

Ao pretender transmitir os significados que os sujeitos atribuem a certa experiência religiosa, o presente trabalho se ocupa da articulação entre duas esferas temáticas: a primeira está relacionada ao desenvolvimento do Processo de 21 dias em um sítio de uma comunidade alternativa da zona rural de um município de Minas Gerais; e a segunda advém do estudo da Sociologia da Religião de Max Weber.

Nesse sentido, por um lado, a intenção é comunicar o que as ações observadas significam para os agentes. E, por outro, trazer clareza a esta tradução do fenômeno com o instrumental teórico-conceitual elaborado por Weber.

Para tanto, a metodologia utilizada durante o período de pesquisa associou o trabalho em campo ao estudo de textos do autor. A primeira etapa foi entrar em contato com o grupo. Isso ocorreu no ano de 2012, a partir de quando comecei a observar as orações diárias¹ que ocorrem no Sítio e a escrever, sob a orientação do professor Lucas, o projeto da pesquisa de iniciação científica que foi aprovado em 2013.

Basicamente, o trabalho em campo foi observar e escutar aquilo que era apresentado espontaneamente dentro do grupo. Isso porque o momento de depoimentos pessoais sobre as experiências dos sujeitos em Processo – momento que segue as orações – nos levou a optar por fazer entrevistas² ao final da pesquisa e em menor número – apenas com os membros da comunidade que já passaram pela experiência e que eu consegui contatar.

Vale notar que a comunidade é composta por propriedades privadas e que o Sítio Aurora, apesar de funcionar exclusivamente para as execuções do Processo, é também um sítio familiar. Inclusive, a entrada de visitantes ali é restrita aos horários das orações.

Levando em conta tal circunstância e o aspecto de que a divulgação do Processo é feita apenas de pessoa a pessoa – isto é, de que não existe propaganda em meios de comunicação de massa –, escolhi utilizar o recurso do anonimato em respeito à privacidade daqueles que se dispuseram a me ajudar com a pesquisa. Assim, criei pseudônimos para o local e para os entrevistados.

Por seu turno, o esforço de seleção dos conceitos que compõe a Sociologia da Religião de Weber se pautou pelo estudo dos textos do autor traduzidos para a língua portuguesa encontrados no primeiro volume de “Economia e Sociedade” e naqueles reunidos no livro

¹ Há uma ressalva a ser feita: apesar de se pretender investigar os significados atribuídos ao Processo, é o momento das orações diárias que foi observado. Não passei por 21 dias de jejum no retiro.

² O roteiro dessas entrevistas (APÊNDICE) foi elaborado com base nas observações do momento das orações diárias e em referência aos conceitos selecionados a partir das leituras.

“Ensaio de Sociologia”: A “Introdução” [*Einleitung*] à “Ética econômica das religiões mundiais” – traduzida sob o título de “A psicologia social das religiões mundiais” – e a “Consideração intermediária” [*Zwischenbetrachtung*] – ou “Rejeições religiosas do mundo e suas direções”.

Os resultados deste exercício são apresentados valorizando tanto os principais traços destacados pelo autor na caracterização das grandes religiões mundiais, quanto os conceitos que indicam tipos próximos ao caso empírico em pauta. Desse modo, apresentamos o que, segundo Weber, deve ser notado diante de fenômenos religiosos. E, igualmente, indicamos os rumos profícuos à análise de nosso objeto.

Ademais, quando a proposta descrita – de investigar os significados religiosos que orientam certa experiência – elege o instrumental teórico-conceitual apontado como guia, define também uma apropriação que terá como termômetro o fenômeno observado. A intenção não é impor um título a um tipo de comportamento, mas trazer clareza a ele a partir dos conceitos – aproximando-os e distanciando-os da realidade.

2 O PROCESSO DE 21 DIAS

O Processo de 21 dias desenvolvido no Sítio Aurora se pauta pelas instruções divulgadas por uma australiana chamada Jasmuheen em seu livro “Viver de luz: a fonte de alimento para o novo milênio”, lançado em 1995 e publicado no Brasil em 2001. Basicamente, o Processo é definido por três semanas sem ingestão de qualquer espécie de alimento – exceto água e sucos pouco concentrados que são permitidos após uma semana de jejum absoluto –, sem uso de drogas e sem práticas sexuais.

Neste livro de Jasmuheen, há um adendo com exigências àqueles que pretendem se preparar para o Processo³ e também há um capítulo escrito por Charmaine Harley com as diretrizes práticas para as três semanas de jejum.

Dentre as orientações, destaca-se a necessidade de escolher no mínimo dois acompanhantes, que já tenham passado pela experiência dos 21 dias, para ajudar nos dilemas emocionais e para cuidar das questões práticas, como limpeza de roupas e de instalações, e disponibilização de água e sucos.

É esse tipo de serviço que, em escala maior, pode ser encontrado no Sítio Aurora. Ali geralmente há de dez a quinze pessoas em retiro para o Processo e também pessoas disponíveis para tirar dúvidas, incentivar, orientar e ouvir, bem como para limpar suas suítes, abastecer a cozinha com água e sucos e conduzir as orações diárias.

A respeito disso, cumpre notar que a organização do retiro preza pela autonomia dos participantes. Assim, apesar do Aurora funcionar durante todo o ano recebendo interessados na experiência, não se formam turmas para o ingresso: cada sujeito chega em determinado dia e a partir daí segue o cronograma de forma independente. Inclusive, os locais em que as pessoas se hospedam são individuais e, desde que chegam ao local, todos são orientados a não tentar criar intimidade com os demais.

A propósito, interações com pessoas que não estão em Processo também são proibidas – seja por ligações telefônicas, visitas ou uso de internet. Por sua vez, enquanto estão no Sítio, os sujeitos podem meditar, caminhar pelo labirinto e pela comunidade – depois da primeira semana –, fazer mandalas, escrever diários, ler os livros da biblioteca e participar das orações diárias.

³ A preparação inclui pelo menos seis meses de vegetarianismo e outros seis de ingestão estrita de líquidos.

2.1 O Sítio Aurora

O Sítio é um terreno arborizado, basicamente caracterizado pelos alojamentos em que os sujeitos participantes do Processo ficam hospedados. Nele, há dois pavilhões principais – separados pela trilha que dá acesso ao local – onde ficam as suítes individuais, a cozinha coletiva⁴ e um espaço em que ficam armazenados alguns livros, CDs e camisetas para venda.



Figura 1: Labirinto e um dos pavilhões principais⁵

A sala de orações fica no andar superior de uma dessas construções. Este ambiente é uma sala retangular com aproximadamente seis metros de comprimento, cinco metros de largura e quatro de altura. Tem uma porta, duas janelas e alguns vidros embutidos nas outras paredes.

Nesta sala, tapetes cinza de um metro de largura ocupam os contornos do chão e, sobre eles, são colocadas esteiras de palha com medida menor. Por cima dessa cobertura, há pequenas almofadas de cores claras separadas em pares que ficam dispostos lado a lado por toda a região em redor do cômodo. Dessa forma, há quatro tapetes, quatro esteiras – um para cada lateral – e aproximadamente vinte pares de almofadas.

⁴ Na cozinha não há forno, nem alimentos, apenas uma geladeira onde ficam armazenados água e sucos e uma pia para limpeza dos copos.

⁵ Imagem disponível em: <<http://2.bp.blogspot.com/-u2fCYz5kCzo/Tixjio-QcII/AAAAAAAAAGc/PpQ06bsDScI/s1600/0.+827.jpg>>. Acesso em Junho de 2014.

Com a ocupação do espaço dos cantos, forma-se ao centro um retângulo em escala menor à da sala. Os vértices e os pontos médios das linhas deste novo retângulo são marcados por castiçais – paralelepípedos de vidro com arestas em metal cor ouro velho – nos quais há velas acesas. A iluminação é exclusivamente feita por velas e, além dessas oito no chão, há uma no alto de cada parede.

A parte central da sala fica vazia ou com um vaso de flores.



Figura 2: Participantes do Processo na sala de orações⁶

2.2 As orações diárias

2.2.1 Posturas

As orações são iniciadas diariamente às 18h30min – ou às 19h30min durante o período do ano com horário de verão – quando um sino é soado na varanda do primeiro cômodo do pavilhão. O público frequente a tais orações é composto, em essência, pelos que passam pelo Processo e por seus facilitadores. Em média, há quinze pessoas para os encontros, chegando a haver trinta nos finais de semana e feriados – quando todos os lugares

⁶ Fotografia disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=633190453391434&set=t.525391563&type=3&theater>. Acesso em Janeiro de 2014

ficam ocupados e é preciso que alguns membros se sentem um pouco mais ao centro da sala para formar um novo círculo.

Durante o período entre o primeiro sino e o soar do outro que indica o fim das orações, as pessoas não conversam entre si, só rompem o silêncio para dizer as preces. Permanecem grande parte do tempo com os olhos fechados e quase não se movimentam, exceto para esticar as pernas ou mudá-las de posição.

A forma como a maioria dos sujeitos se senta é a Padmāsana ou Posição de Lótus, isto é, com as pernas cruzadas uma sobre a outra e os pés em oposição às coxas, mantendo a coluna ereta e a cabeça elevada. Cada um escolhe como prefere deixar suas mãos, então, alguns simplesmente as apoiam sobre os joelhos e outros as colocam em Mudrás – Shiva Mudrá⁷ ou Jnana Mudrá⁸.

As posturas só ficam mais informais ao fim das orações, quando as pessoas se encostam às almofadas das paredes, esticam as pernas ou as dobram colocando os joelhos para cima e apoiando os pés no chão, por exemplo.

Um detalhe que merece ser notado é a preferência dos sujeitos pela cor branca nas vestimentas: raramente há alguém que não esteja com pelo menos uma das peças de roupa nessa cor. A rigor, o mais comum é que todas as peças de uma pessoa sejam brancas. Além disso, os tecidos escolhidos geralmente são maleáveis e leves para facilitar o ásana⁹. Por isso, em dias mais frios, as mulheres costumam usar xales ou pashminas e os homens, casacos para aquecer.

Os sujeitos entram descalços ou de meia no local das orações e escolhem um lugar para sentar. Geralmente, deixam uma almofada para apoiar as costas e sentam sobre outra. A escolha dos lugares só encontra uma restrição: a moça que inicia as orações se acomoda sempre no ponto médio da parede na qual está a porta. Assim, todos os outros lugares ficam disponíveis. Não obstante, é perceptível que as pessoas que estão no Processo e os visitantes preferem lugares distantes dali, então, na maioria das vezes, são os membros da comunidade que ficam nos entornos dessa moça.

Após se sentar, cada pessoa encontra no chão, logo à sua frente, uma folha com as orações como a reproduzida no ANEXO. Tais folhetos são impressos em frente e verso e devem ser devolvidos ao final para que sejam reutilizados nas próximas ocasiões.

⁷ Shiva Mudrá: Para os homens, colocar a mão direita aberta em semi-concha sobre a mão esquerda e, para as mulheres, colocar a mão esquerda sobre a mão direita, apoiando os antebraços nas coxas.

⁸ Jnana Mudrá: Unir os dedos polegar e indicador, deixando os outros dedos relaxados e apoiando as costas das mãos sobre os joelhos.

⁹ Ásana: postura

2.2.2 Procedimentos

Após o primeiro sino e antes dos cânticos, caso haja alguém que esteja ali pela primeira vez, uma mulher explica os procedimentos. O principal ponto esclarecido diz respeito ao Vibhuti, isto é, as cinzas materializadas de Sai Baba¹⁰ que são passadas de mão em mão num pequeno recipiente durante o primeiro mantra¹¹ – que é repetido até que todos tenham pegado as cinzas. Além disso, a mesma moça esclarece rapidamente que, no momento da Oração de Cura, deve-se imaginar as pessoas pelas quais se deseja interceder ao centro da roda.

Foi essa mulher que, em uma conversa, disse o seguinte a mim:

Em toda oração, de qualquer religião, você fala com alguém de luz e você pede alguma coisa. Então escolhi os mantras baseados no que eu estava pedindo. Nos mantras que a gente canta a gente pede discernimento para que a gente saiba o que está fazendo, para que seja sempre uma coisa correta. E a entrega pra se permitir passar por uma situação como aquela. (Depoimento de Vandana, 9 de Maio de 2014).

Com o fim das explicações iniciais, o grupo passa à recitação das preces. Nesses encontros diários, as orações são pronunciadas pausadamente pelo coro e os mantras são cantados com ritmos musicais peculiares. Como já foi mencionado, há uma moça que inicia todas as orações e mantras, mas como os sujeitos presentes nem sempre estão familiarizados com o procedimento, por vezes acabam proclamando as frases antes dela. De qualquer forma, a cerimônia prossegue sem interrupção.

O tempo é dividido de forma equilibrada entre mantras e orações, a despeito da pequena diferença numérica – quatro orações em português e cinco mantras sânscritos –, por conta das repetições e diferenças de tamanho das preces.

Como o ANEXO demonstra, o Om (ॐ)¹² inicia e finaliza o ritual e, assim como ele, todos os outros mantras – Vibhutim, Gayatri, Maha e Lokah – são entoados três vezes. O número três também pode ser abstraído na Grande invocação – Deus/homens/Terra, luz/amor/poder – e visualizado sem dificuldade na oração de cura – tanto porque se intercede pelos corpos, mentes e almas, como porque se ora pelos próprios sujeitos, por terceiros e pela Terra.

¹⁰ Sri Sathya Sai Baba (1926-2011), guru indiano.

¹¹ Mantras são fórmulas, palavras, sílabas ou poemas religiosos escritos em sânscrito. A repetição deles é indicada para controlar a mente durante a meditação ou para alcançar estados de consciência específicos.

¹² Om ou Aum é uma sílaba sagrada – e também um mantra em si – que representa o som feito pela vibração do universo. Assim, sua entonação também é entendida como manifestação do divino, do absoluto.

Após os primeiros Om, inicia-se o Vibuthim e passagem das cinzas. O método é o seguinte: deve-se segurar a caixinha das cinzas com a mão esquerda, passar o dedo anelar direito nelas e, em seguida, nos chakras¹³ entre as sobrancelhas, na parte frontal da garganta e, por fim, na boca para curar – ou, se preferir, na palma da mão esquerda. Depois, é importante tocar a pessoa que está ao lado – com delicadeza, porque provavelmente estará de olhos fechados – para lhe entregar o recipiente.

Assim que todos os presentes recebem as cinzas, passa-se ao Pai Nosso que é lido uma vez. E em seguida, à Grande Invocação que é pronunciada com repetição tripla da última estrofe. Depois, o Gayatri é cantado três vezes.

Passando à Oração de Cura, as pessoas mantêm os olhos fechados, as mãos em Prônam Mudrá¹⁴ e dizem juntas: “Oh Pai Celestial, Tu és onipresente, Tu estás em todos os Teus filhos, manifesta Teu poder de cura em nossos corpos”. Em seguida, esfregam as palmas das mãos, uma na outra, – apontando-as para cima, à altura do peito – com alguma velocidade durante dez a vinte segundos e depois as colocam viradas para o centro da roda – com os braços semi-esticados e semi-elevados às suas frentes – à altura do rosto para cantar Om.

Na sequência, voltam com as mãos ao Prônam Mudrá e, em coro, dizem: “Oh Pai Celestial, Tu és onipresente, Tu estás em todos os Teus filhos. Manifesta Teu poder de cura em nossas mentes”. Giram rapidamente as mãos fechadas uma envolta da outra à altura do peito por quase vinte segundos e depois as colocam viradas para o centro da roda, estendidas à altura da cabeça, enquanto proclamam o Om durante dez segundos aproximadamente.

Fechando o ciclo, o pedido é para as almas: “Oh Pai Celestial, Tu és onipresente, Tu estás em todos os Teus filhos. Manifesta Teu poder de cura em nossas almas”. Então, repete-se a técnica de friccionar as palmas das mãos uma contra a outra para, a seguir, com as mãos erguidas cantarem o Om mais uma vez.

Assim, durante toda a oração os sujeitos permanecem sentados na Posição de Lótus e ficam de olhos fechados, com as mãos ora em Prônam Mudrá, ora se friccionando ora girando ao redor de si mesmas. Além disso, cantam um único refrão com pequenas modificações. Quanto às atividades das mãos, elas só giram quando a prece é para as mentes e, assim, para o corpo e a alma sempre se friccionam as palmas.

Logo após os procedimentos acima descritos, a moça que puxa as orações sugere aos outros – ou melhor, lembra-os do esclarecido ao início do rito – que imaginem pessoas às quais desejam cura ao centro da roda. Ela destaca ainda que é importante lembrar de colocar

¹³ São entendidos como canais nos quais circula a energia vital, o Prana.

¹⁴ Prônam mudrá ou Anjali mudrá: Palmas das mãos unidas à frente do peito com os dedos apontando para cima.

familiares de duas gerações anteriores – pais/tios e avós –, da sua própria geração – irmãos/primos – e de duas gerações seguintes – filhos/sobrinhos e netos. Para tal, o grupo fica uns três minutos em silêncio.

Então, utiliza-se o mesmo método da Oração de Cura com as três repetições, sempre intercaladas pelo mantra Om, para interceder pelos corpos/mentes/almas dos terceiros. E do mesmo modo, pede-se a cura da Terra.

Terminando a recitação, o Maha Mantra, a Oração da Comunidade, o Lokah e o Om são repetidos três vezes cada.

2.2.3 Depoimentos

Quando a recitação das preces do folheto se encerra, certa mulher se manifesta para orientar os que estão passando pelo Processo a contar as experiências que tiveram durante o dia. Ela pergunta a todos, começando pelos que estão há mais tempo no Aurora até os que acabaram de chegar, como se sentiram desde o encontro do dia anterior. E também avisa que, antes de compartilhar as impressões, devem dizer o nome, a cidade de origem e há quantos dias estão no Processo.

Essa conversa sobre as experiências diárias tem um tom mais informal. Ainda assim, ninguém interfere enquanto um dos companheiros está fazendo o relato. Neste momento, as pessoas contam, por exemplo, que tiveram insônia ou dormiram mais do que de costume; sentiram-se com muita energia durante o dia ou com falta de disposição; dizem se estão felizes, satisfeitas, tranquilas ou se choraram, sentiram saudade de algo ou alguém, etc¹⁵.

Os únicos que comentam os depoimentos são os sujeitos responsáveis por auxiliar os que estão no Processo. Muito do que eles falam está relacionado às instruções do livro de Jasmuheen. Mas também apontam caminhos com base nas experiências que tiveram pessoalmente ao passar pelos 21 dias e no que aprenderam durante o tempo de acompanhamento das pessoas ali no Sítio.

As orientações dadas são essencialmente direcionadas à sustentação de atitudes meditativas, tais como, manter-se no presente – no “aqui e agora” –; ter pensamentos positivos; agradecer; aceitar as dores; tentar fugir do domínio do ego; observar os pensamentos e ações; não alimentar a existência de coisas indesejáveis ou temidas pensando

¹⁵ As pessoas também relatam as atividades que fizeram dentre as possíveis no Sítio: ler, caminhar, passear pelo labirinto, fazer mandalas, escrever nos diários.

nelas; tomar consciência das armadilhas da mente; fazer Pranayamas¹⁶; estar em conexão com o eu superior, ou eu divino.

2.3 Sobre felicidade e Prana

Preservar o silêncio é um imperativo explícito em algumas placas ao redor do Sítio. Em respeito a isso, a comunicação entre os indivíduos está circunscrita a abraços e cumprimentos, dentre os quais o principal é o Namaste¹⁷: uma saudação que, acompanhada pelo Prônam Mudrá¹⁸, é fielmente feita a todo o grupo logo que se entra na sala de oração e igualmente antes de sair dela.

Também é comum que os que estão passando pelo Processo agradeçam as palavras dos facilitadores dizendo “gradidão”, sorrindo ou fazendo o Mudrá em silêncio. Há ainda pessoas que terminam os depoimentos dizendo “Jaya”¹⁹.

Pela circunstância que tais tipos de comunicação instauram, isto é, diante da ausência de palavras, é válido atentar ao que as ações dizem. É possível começar a notar, por exemplo, que a preservação do silêncio prescrita pelo grupo não ocorre para afastar os indivíduos entre si, para constrangê-los ou embaraçar.

Na prática, as pessoas mais desenvoltas nos depoimentos, as que estão mais sorridentes e que distribuem mais abraços, namastês e agradecimentos não são repreendidas por se expressar. No limite, há certo incentivo a tais atitudes. Os organizadores costumam elogiar o brilho das auras²⁰ das pessoas que estão mais sorridentes. Enquanto às mais abatidas, cansadas ou tristes, reservam aquelas prescrições comentadas acima: vigiar o ego; manter-se no presente; cultivar a gradidão; a paciência, etc.

Uma aura bela parece estar ligada a certa extroversão ou simpatia – o que não significa necessariamente que a pessoa fale mais. De acordo com a leitura que fizemos, essa luz parece estar relacionada aos sorrisos que uma pessoa dá gratuitamente a qualquer um que lhe pouse o olhar, ou com os abraços que presenteia aos demais.

¹⁶ Pranayamas são exercícios de respiração com o objetivo de controlar o Prana – energia que permeia todas as coisas – criar um corpo saudável, aquietar a mente, trazer equilíbrio das emoções, e coisas similares.

¹⁷ Namastê significa “eu me curvo diante de ti” ou, simplesmente, “eu te saúdo”.

¹⁸ Prônam mudrá ou Anjali mudrá: Palmas das mãos unidas à frente do peito com os dedos apontando para cima.

¹⁹ Palavra sânscrita que indica vitória ou alegria de conquista.

²⁰ Vibração luminosa que emana e envolve os seres.

Critério semelhante ao de classificação da beleza das auras parece ser o utilizado pelos sujeitos, ainda que sem intenção, para perceber o nível de Prana²¹ que conseguem absorver. Tal energia é imaginada como algo incorpóreo e indescritível e, inclusive, diz-se que para se atingir o nível de Consciência Prânica é preciso “ser feliz”, “ser a paz” e “ser o amor”. Mas, à parte a discussão da possibilidade de alguém ser a materialização desses ideais, vale atentar às atitudes em que eles se expressam: sorrisos, abraços, roupas simples, silêncios, olhares e assim por diante.

O ideal de Consciência Prânica é expresso silenciosamente, mas não é expresso por qualquer silêncio. Tem a ver com um modo tolerante de lidar consigo e com os outros e, igualmente, com a tranquilidade diante das dores corporais, da fome e das fraquezas gerais decorrentes do jejum. No limite, importa menos a adequação das posturas nos ásanas ou os votos de silêncio feitos do que o contentamento com o qual se lida com a privação de alimentos.

Em um vídeo disponível na internet, um dos membros da comunidade que palestra sobre o Processo declara o seguinte:

Prana é uma partícula inteligente, é luz divina. O Prana é a síntese de uma inteligência cósmica que dá vida e anima todos os seres. Bom, uma das formas de se manter na consciência prânica, pra vivenciar isso, o ser prânico, é importante a permanência, a estabilidade na felicidade. E para que a gente consiga ser feliz o tempo todo, a gente precisa estar vivendo o que é real, este momento “aqui e agora”. Então, a forma de se trazer para o momento presente é a não-identificação com os processos transitórios e dessa forma a gente sair daquela estrutura de controle do ego, de controle de vivenciar o tempo relativo, viver o futuro, viver o passado. Não sinto que a minha vida está voltada ao fator “não comer”, não é isso que estou buscando. Eu estou buscando me manter permanentemente na felicidade. É isso que eu quero. Aí não comer vem como um auxílio, só. (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FJNeKniLjI0>>. Acesso em Junho de 2014)

2.4 Visão de si e do mundo

Os aspectos compartilhados no momento das entrevistas feitas de acordo com o questionário (APÊNDICE) revelaram poucas queixas. Os relatos negativos se restringiram a dificuldades para dormir, vontade de chorar, enjoos, sede e fraqueza. À parte isso, a maioria das pessoas afirmou que os 21 dias foram tranquilos, alegres, mágicos, reveladores e assim por diante.

²¹ O Prana é entendido como a energia vital ou luz divina que circula em todo o universo e também nos humanos. A sua absorção é considerada a condição para a sobrevivência durante os dias de jejum.

De acordo com as respostas, a disposição para passar pelo Processo está relacionada com a intenção de autoconhecimento. Os sujeitos escolhem esta experiência esperando entrar em contato com seu “eu divino”, “eu superior”, “divindade interna” ou, simplesmente, com Deus.

Na visão desses indivíduos, o período em retiro ajuda a acionar uma série de mecanismos reflexivos, dentre os quais, o mais comentado é a observação de si mesmo – a observação dos seus pensamentos e vontades – a partir de um ponto de vista distanciado. Essa atitude recebe tanta ênfase nos discursos que, mesmo os novatos, rapidamente se habitua à expressão “vigiar o ego”. Que, aliás, foi o motivo mais alegado dentre os respondidos ao sétimo item do questionário sobre as mudanças na vida cotidiana decorrentes do Processo.

Como os tópicos anteriores já apontaram, essa atenção aos fenômenos da mente está articulada ao hábito de afastar lembranças do passado e evitar criar planos futuros para viver o momento presente.

O agora é a única realidade que existe. Futuro e passado só existem na nossa cabeça. Se você quiser ir agora para o passado, você não consegue, e nem para o futuro. Então, o tempo é uma criação do ser humano. Só existe um tempo que é o agora, esse é o tempo verdadeiro (...) E agora tudo é perfeito, então, é Deus, né? É quando você se encontra com Deus. E Deus, a gente coloca uma figurinha de Deus, mas Deus é você, Deus é o agora, é o amor, é a perfeição (...) Todo mundo quer ser feliz. E, se você está no presente, você está feliz o tempo todo. No presente não existe sofrimento. Mas a nossa mente sempre está querendo sabotar a gente. Então, tem ali a dor, você já não está aguentando de dor, mas se você observa aquela dor naquele momento, aquele momento você aguenta. E no momento seguinte também, você aguenta. E aí ela passa. Mas a gente pega e já estende aquela dor, sei lá, pelo dia todo. Aconteceu aquilo, aí você já se desespera e aí dói muito. Mas se você para e observa ali, ela nem é tão grande. (Depoimento de Kiran, 3 de Maio de 2014)

Do mesmo modo, o imperativo de “vigiar o ego” está relacionado com o esforço para filtrar pensamentos negativos que, segundo os sujeitos, têm vibrações baixas e dificultam a permanência em um nível energético elevado, no qual seria possível absorver a energia divina que os alimenta durante o jejum, o Prana.

Isso inclui também a adoção de uma nova postura diante dos acontecimentos, a disposição de não se considerar vítima deles e, ao invés disso, perceber a si mesmo como construtor da realidade. Daí a importância dos exercícios de entrega, aceitação, gratidão, fé e otimismo. O que está conectado ao ideal de felicidade tão valorizado pelo grupo.

Por tudo isso, muitos afirmaram que o Processo foi um marco em sua trajetória de vida, um ponto de transformação, o início de uma nova vida ou um passo importante para desembaraçar várias questões.

Pra mim, o Processo foi um divisor de águas na minha vida e elevou meu nível vibratório, me trouxe mais para o presente, me trouxe mais energia, mais vitalidade, mais consciência. (Depoimento de Yamir, 10 de Maio de 2014)

3 A SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO DE MAX WEBER

3.1 A religião segundo Weber

Weber sustenta que sua proposta de estudos sobre religião pretende compreender as condições e efeitos dos tipos de ação comunitária religiosa. A esse respeito, vale lembrar que uma comunidade pode ser doméstica, de vizinhança, de clã, econômica, política e assim por diante, mas sempre difere de associação²² porque, de acordo com o autor:

Uma relação social denomina-se ‘relação comunitária’ quando e na medida em que a atitude na ação social – no caso particular ou em média ou no tipo puro – repousa no sentimento subjetivo dos participantes de pertencer (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo. (WEBER, 2012, p. 25).

Desse modo, uma comunidade religiosa no sentido aqui apresentado – ou melhor, o pertencimento a um grupo a partir da vivência de uma experiência religiosa – é de tipologia diferente daquelas de igrejas e seitas:

Uma igreja é uma corporação que organiza a graça e administra os dons religiosos da graça, como uma fundação. A filiação a uma igreja é, em princípio, obrigatória e portanto nada prova quanto às qualidades dos membros. A seita é, porém, uma associação voluntária apenas daqueles que, segundo o princípio, são religiosa e moralmente qualificados. (WEBER, 2010, p. 214)

Qualquer que seja o caso, os estudos de Weber sobre as religiões são feitos a partir das “vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos – a partir do sentido” (WEBER, 2012, p. 279). Nesta direção, ele afirma que a ação religiosa ou magicamente motivada é – em sua forma primordial – uma ação racional²³ que se orienta para este mundo. Circunstância comprovada pelo fato de o principal conteúdo das orações – mesmo em religiões extremamente dirigidas ao além – ser a obtenção de vantagens externas neste mundo e o afastamento do mal.

De acordo com o autor, o aspecto singular da passagem histórica da magia – ou do naturalismo pré-animista – ao simbolismo religioso é a mudança de atitude diante da realidade: passa-se à tentativa de influir nela por meio de atos significativos.

²² “Uma relação social denomina-se ‘relação associativa’ quando e na medida em que a atitude na ação social repousa num ajuste ou numa união de interesses racionalmente motivados (com referência a valores ou fins)” (WEBER, 2012, p. 25).

²³ Uma ação racional tem denotação unívoca, sentido claro, significado nítido e explícito para o agente.

Se atrás das coisas e dos processos reais existe algo diferente, essencial, anímico, dos quais os primeiros são apenas sintomas ou mesmo símbolos, deve-se então procurar influir não nesses sintomas ou símbolos, mas no poder que neles se manifesta, e isso por meios que falem a um espírito ou a uma alma, que, portanto, “signifique” algo: por outros símbolos. (WEBER, 2012, p. 282)

No limite, o processo de racionalização²⁴ é acompanhado pelo processo de simbolização. As coisas e os fenômenos passam a ter sua importância ligada aos significados que carregam.

Sob a perspectiva weberiana, de forma geral, o que toda religião apresenta de novo, em relação à magia, é fundamentalmente uma metafísica racional e uma ética religiosa. Porém, mais do que isso, as anunciações e promessas são os principais elementos que caracterizam os sistemas religiosos: é em torno delas e de acordo com a visão de cosmo peculiar a cada ocorrência que certas expectativas são construídas.

Tal aspecto se resume em – independente do ideal religioso típico – sempre haver algo que os sujeitos não querem e algo que procuram, em correspondência: ser salvos de tal situação, esperando/desejando/almejando certa coisa. Isto é, as características das concepções de salvação dependem das particularidades “de que” e “para que” os indivíduos desejam ser salvos.

O autor entende que a articulação se dá na seguinte forma: as circunstâncias – materiais e ideais – das quais os indivíduos pretendem ser redimidos e para as quais desejam ser encaminhados sempre estão associadas as suas visões de mundo em uma relação de dependência. A imagem religiosa do mundo resume a perspectiva de determinado grupo, o panorama de seus anseios, objetivos e concepções da totalidade. E a ideia de redenção só se sustenta e define sua “posição face ao mundo” (WEBER, 2010, p. 197) porque aponta para o – e participa do – quadro da realidade ou da existência que certa religião defende.

Em outras palavras, ideais de redenção só existem de forma significativa quando conjugados às imagens racionais do mundo de suas religiões. Inclusive, Weber indica que interpretar as promessas e anunciações contidas nos sistemas religiosos requer a identificação dos fins racionalmente visados que estes apontam: obter cura, viver mais, resolver problemas – “saúde, vida longa e riqueza” (WEBER, 2010, p.196). Isto porque, segundo ele, os valores sagrados são “bens sólidos deste mundo” (WEBER, 2010, p.196).

²⁴ Segundo Cohn (1995), a racionalização tem dois aspectos fundamentais: o primeiro deles é identificável em escala macrosociológica e nomeia a crescente diferenciação entre linhas de ação – ou dimensões da vida social nas quais as modalidades de ação se manifestam –; e o segundo diz respeito à racionalização dos significados encadeados no âmbito de cada uma dessas linhas, isto é, à tendência de domínio desperto dos significados mobilizados na condução da vida.

Diante das substâncias de salvação típicas, a questão relevante é a construção de sentido para o sofrimento injusto e imerecido. Promessas que indicam compensações espirituais – um destino melhor no além ou a libertação do sofrimento e da opressão, por exemplo – diminuem a carga corpórea de sofrimento; são recompensas psíquicas.

Nessa direção, as religiões formularam soluções tipicamente diversas: ora idealizando compensações futuras neste mundo por meio de um processo escatológico de cunho messiânico, ora estabelecendo expectativas no além. Há ainda a solução do dualismo, a suposição da existência de um confronto entre as forças do bem – ou da luz – e as forças do mal – ou das trevas. Com, é claro, a derradeira eliminação de qualquer traço de imperfeição e injustiça a partir da vitória final dos primeiros combatentes.

Além disso, dentre todas as soluções apresentadas para o problema da teodiceia²⁵, Weber aponta aquela que a doutrina do carma propõe como a mais perfeita em termos de racionalidade. A crença na transmigração das almas ali presente concebe o mundo como um cosmo ininterrupto e infalível de retribuição ética: os méritos e as culpas dos indivíduos orientam seus destinos a cada vez que renascem. “No sentido mais rigoroso, é exclusivamente o próprio indivíduo que cria seu destino” (WEBER, 2012, p. 355).

Nenhum feito eticamente relevante se perde. Os bons e os maus feitos de uma vida são sempre retribuídos na próxima. Os sofrimentos são expiações de pecados de vidas passadas.

A consequência dogmática consiste na circunstância de que um deus todo-poderoso que interfira neste mecanismo [mecanismo universal de retribuição] é totalmente dispensável e inimaginável: pois o eterno processo cósmico executa as tarefas éticas de semelhante deus por seu automatismo próprio. (WEBER, 2012, p. 355)

Como foi visto, no limite, o que uma determinada religião declara e exige ou garante aos fiéis compõe aquilo que irá marcar sua posição enquanto esfera que dá sentido ao mundo. Porém, não é apenas isso. Weber ainda assinala que o valor sagrado supremo dos atos religiosos advém da circunstância de evocarem nos indivíduos estados emocionais e psicológicos “no aqui e agora” (WEBER, 2010, p. 196), isto é, de proporem – de acordo com a direção da imagem do mundo – sensações de amor, de confiança ou até mesmo de superação de si no presente. Além de facultar aos fiéis, dependendo do caso, a oportunidade de se sentirem verdadeiramente em contato com o sagrado ou em posse dele.

²⁵ O problema da relação entre deus e o mundo, ou mais especificamente, da incompatibilidade entre um criador onipotente e a existência do sofrimento e do mal no mundo que ele governa.

Portanto, até aqui, a questão pode ser resumida na circunstância de religiões racionalizadas²⁶ terem conseguido “sublimar a posse de valores sagrados”, isto é, de coisas concretas do aquém, “numa convicção de ‘redenção’” (WEBER, 2010, p. 197). Por um lado, associando ambas variáveis a sua visão religiosa de mundo e, por outro, oferecendo aos devotos a experiência de um “estado empírico de bem-aventurança” (WEBER, 2010, p.197).

3.2 Conceitos selecionados

Como foi visto, há certa qualidade psicológica nas experiências religiosas. Para aqueles que nelas confiam, aliás, o valor supremo está na experiência enquanto estado psíquico. Levando em conta isso e a percepção de que as ações racionais religiosas estão voltadas para este mundo, Weber nos introduz a circunstância de as camadas portadoras e propagadoras das religiões mundiais serem as representantes ideológicas das éticas ou doutrinas de salvação compatíveis com sua situação social.

As camadas positivamente privilegiadas, por exemplo, normalmente se associam a religiões com o intuito básico de legitimar seu modo de viver e a condição em que vivem. Tais camadas esperam que a religião assegure a legitimidade de sua felicidade – sustentada pela posição econômica, política e social.

Já as camadas negativamente privilegiadas deram maior importância histórica a religiosidades de salvação, visando especificamente à salvação do sofrimento concreto. O sentimento de dignidade que tais camadas expressam se baseia numa “promessa” vinculada à “função”, “missão” ou “profissão” que lhes foi atribuída.

Outra fonte notável de religiosidades éticas e salvacionistas é o intelectualismo. Weber aponta que as necessidades características das camadas intelectuais estão relacionadas a questões metafísicas.

Em linhas gerais, o tipo de salvação que os intelectuais procuram pretende sanar “aflições íntimas” – e não o sofrimento e a miséria concretos, como no caso das camadas desprivilegiadas. O anseio específico é encontrar um sentido coerente para a vida em relação às vidas dos outros e ao cosmo. E, assim, atribuir um significado à condução da vida e aos fenômenos do mundo – outrora desencantados com a superação da magia.

Por excelência, a disposição mística para a iluminação está concatenada com o tipo de qualificação de salvação especificamente intelectualista. O ideal neste caso é um bem de

²⁶ Uma religião racionalizada é aquela que suscita ações sociais racionalmente orientadas, o que não significa que suponha ações eficazes, mas sim conscientes, metódicas, sistemáticas.

salvação a ser conquistado por uma atividade sistemática: a contemplação. Esta que é um hábito emocional relacionado à humildade e ao abandono de si e que, além do mais, requer a renúncia aos interesses cotidianos e o silenciamento da criatura para o alcance do repouso no divino: “não agir e, no extremo, não pensar, esvaziar-se de tudo o que de algum modo lembra o ‘mundo’” (WEBER, 2012, p. 366).

Em outras palavras, pode-se dizer que o conceito de misticismo, em Weber, faz referência à forma de renúncia religiosa do mundo que busca a posse contemplativa da salvação. Isso indica que para o místico o importante é “a compreensão do significado último e completamente irracional, através da experiência mística” (WEBER, 2010, p. 228). Uma experiência de individuação que é, particularmente, um acontecimento incomunicável de união com o sagrado.

De forma mais precisa, neste tipo de ocorrência, o indivíduo se vê como um recipiente que contém o divino e, por isso, se exercita para calar sua criatura de modo a permitir a expressão dele: “A atitude típica do místico é de humildade específica, uma minimização da ação, uma espécie de existência religiosa incógnita no mundo” (WEBER, 2010, p. 228).

Em certo momento, Weber chega a afirmar que a iluminação mística é uma qualidade sentimental ou um estado de ânimo resultante da sensação de união entre o saber e a espiritualidade prática. Isto significa que o saber místico tem a ver com a compreensão de um sentido de mundo por meio da própria prática contemplativa, da “minimização das ações que procura o incógnito no mundo como única confirmação da salvação” (WEBER, 2012, p. 394). Este tipo de saber está mais próximo de um “possuir” e, por tal razão, é menos comunicável quanto mais em “posse” do divino se está.

Note-se que a ética de matriz mística é racional por promover um constante domínio dos instintos naturais – este é seu fundamento valorativo homogêneo. É um método de salvação dirigido à posse do divino neste mundo. Por outro lado, enquanto ação comunitária, o misticismo é orientado pelo acosmismo do amor. E, assim, ele fomenta um tipo de entrega altruísta sem objeto – isto é, de bondade absoluta – que gera comportamentos políticos e econômicos irracionais em relação à acumulação e ao mercado. Isto porque tal perspectiva toma o mundo como um dado fixo, não-mutável. O que impede qualquer posicionamento de violência ou resistência ao nível das relações pessoais e políticas; e que, ademais, justifica incondicionalmente a distribuição dos bens.

Assim, o misticismo é um tipo de devoção que não impulsiona transformações éticas no mundo e que, no limite, tende a fugir da vida em suas ordens. Em essência, os valores religiosos existem em um cosmo que desvaloriza sistematicamente todas as ações cotidianas,

tendendo à fuga do mundo e à circunstância de o místico, mesmo quando decidido a permanecer no mundo, negar-se a levar a sério seus processos. Isso faz do misticismo uma ética racional de rejeição do mundo.

À vista disso, o modo de vida que a busca mística e contemplativa de valores sagrados dirige faz da negação do mundo um “hábito que garante a salvação” (WEBER, 2010, p. 229). Um exemplo de tal condição é a desvalorização que religiosidades místicas propõem às artes. Há uma tensão sensível entre a religião e a esfera estética da cultura, pois experiências místicas são essencialmente estranhas a formas: “A forma é infortunada e inexpressível ao místico, porque ele acredita precisamente na experiência de fazer explodir todas as formas, e espera, com isso, ser absorvido pelo Uno, que está além de qualquer tipo de determinação e forma” (WEBER, 2010, p. 239).

A ideia de amor acósmico está ligada precisamente a esse ponto. O misticismo, ao propor a comunhão com o sagrado, supõe que todos os seres o expressam. E, assim, indica aos fiéis um tipo de devoção que se dedica “sem objeto a todos” (WEBER, 2010, p. 232) e que tem como corolário uma fraternidade apoiada sobre as bases irracionais do “acosmismo não-metódico e não-planificado do amor” (WEBER, 2010, p. 236).

Daí que não haja confronto entre religiosidades místicas e as ordens econômicas e políticas da vida. No primeiro caso, porque o místico se dedica benevolmente a toda e qualquer pessoa sem distinção e sem interesse nas vantagens econômicas que poderiam advir para si. E no segundo, porque o misticismo é uma solução que, fundada na noção de fraternidade acósmica, nega aos fiéis posicionamentos violentos, seja de resistência ou de heroísmo.

Dessa maneira, a busca mística da salvação é, por um lado, alheia à ordem material e, por outro, essencialmente antipolítica. Aliás, mais produtivo que pensar as tensões do misticismo com o mundo é compreender a desvalorização que institui a cada uma das esferas mundanas. Por exemplo, tal tipo de ética religiosa – assim como as das demais religiões de salvação – não dá espaço à expressão erótica, visto que o erotismo concorre com o bem místico por propor uma experiência de comunhão no formato de unificação entre duas pessoas que, em certo aspecto, é semelhante à posse mística – inclusive por ser incomunicável.

A propósito, “a abstinência pode ser considerada o meio central e indispensável da procura mística da salvação” (WEBER, 2012, p. 400). O natural, o sensual e o corporal são desqualificados como tentações que afastam o indivíduo deste caminho. Logo, nenhum vínculo com o instinto sexual pode ser mantido enquanto se persegue tal bem de salvação.

De todas as circunstâncias que descrevem tipicamente as tentativas místicas de salvação – a benevolência, o acosmismo, as exigências de minimizar as ações no mundo, calar em si os desejos e se concentrar na experiência de união com o divino – decorre que estas condutas estejam fundamentalmente inscritas em religiosidades aristocráticas de redenção. Isto porque os recursos necessários para a sobrevivência do estilo de vida irracional do místico não estão ao alcance da maioria. Como Weber assinalou, “em meio de uma cultura que é racionalmente organizada para uma vida vocacional de trabalho cotidiano, dificilmente haverá lugar para o cultivo da fraternidade acósmica, a menos que seja entre as camadas economicamente despreocupadas” (WEBER, 2010, p. 248).

Vale notar ainda que, em relação aos êxtases, a sensação de iluminação mística, que se lhe opõe, garante um modo mais permanente de posse do estado carismático. Ainda assim, nem todos têm o carisma²⁷ necessário para manter de forma contínua o hábito religioso em sua vida cotidiana. As pessoas têm qualificações religiosas diversas. Mas independente de tal circunstância, a confirmação do estado religioso de graça significa sempre “a posse consciente de um fundamento homogêneo duradouro da condução da vida” (WEBER, 2012, p. 363).

Neste sentido de busca pela continuidade do *habitus* religioso, a racionalização do método de salvação combinou a eliminação de atitudes higienicamente irracionais – seja físicas ou psíquicas – com a regulação metódica do pensar e agir e, igualmente, com o domínio desperto dos processos corporais e anímicos, gerando uma regulamentação sistemática da vida subordinada ao fim religioso. Ou, em outras palavras, uma organização dos comportamentos em um modo de viver religiosamente orientado.

Aliás, para todos os casos, Weber afirma que a ânsia pela salvação é relevante sociologicamente por trazer consequências ao comportamento prático da vida. De fato, as influências das religiões sobre as condutas de vida são tão variadas quanto são diversos os caminhos de salvação e as qualidades psíquicas almejadas.

²⁷ “O carisma pode ser – e somente neste caso merece em seu pleno sentido esse nome – um dom pura e simplesmente vinculado ao objeto ou à pessoa que por natureza o possui e que por nada pode ser adquirido. Ou pode e precisa ser proporcionado ao objeto ou à pessoa de modo artificial, por certos meios extracotidianos” (WEBER, 2012, p. 280).

4 APROXIMAÇÕES

De acordo com as indicações de Weber, os fins racionais²⁸ visados são um aspecto fundamental a ser notado diante da religiosidade dos sujeitos em Processo. Sobre isso, os depoimentos revelam que o principal desejo é “ser feliz”. Circunstância que é mais bem matizada ao se considerar a intenção posta na escolha dos mantras – discernimento e entrega – e os pedidos feitos nas orações: libertar-se do mal, iluminar-se, amar, purificar-se, ser absorvido pelo uno – *devasya deemah* –, obter cura, libertar-se da morte, alcançar a imortalidade ou o fim do ciclo de reencarnações – *moksha, mriyora mukshiya maamritaat*.

Em correspondência, o que os sujeitos não querem é sofrer, ou melhor, querem saber lidar com o que lhes causa sofrimento – principalmente físico, como o decorrente do jejum prolongado, mas também psíquico. As atitudes valorizadas pelo grupo se direcionam a minimizar os efeitos dos acontecimentos passados e das expectativas futuras na vida presente. E, mais do que isso, estão relacionadas a exercícios reflexivos de conhecimento de si.

Tal característica parece estar próxima ao tipo de salvação que Weber identificou como o almejado pelas camadas intelectuais: a salvação das aflições íntimas. E está nitidamente relacionada ao caráter psicológico das experiências religiosas no geral: a condição de instaurarem a sensação de bem-aventurança no “aqui e agora”.

Outra particularidade de nosso caso empírico é a concepção de divindade. De acordo com os depoimentos e orações, deus pode até ser entendido como uma entidade a quem se deve direcionar pedidos, mas sempre está expresso em todas as coisas. A ideia do divino está próxima à concepção hindu de Brahman, que nomeia um espírito divino infinito ou um princípio cósmico absoluto.

É nessa direção que o Prana é considerado uma energia divina inerente a todas as formas de vida e ao universo no geral. Do mesmo modo, viver a consciência prânica é adotar as atitudes que se relacionam com a contemplação, com o repouso no divino.

Também é nesse sentido – do divino estar contido em todos – que encontramos o fundamento para a crença de que os sujeitos participam da construção da realidade, isto é, que podem modificar o rumo dos acontecimentos por meio do otimismo, da manutenção de um campo vibratório elevado e coisas do tipo.

²⁸ Fins racionais podem ser materiais ou ideais.

Tais dimensões apontam afinidades ao conceito de misticismo contornado por Weber: a identificação dos sujeitos com o sagrado; a necessidade de experimentar a parcela do sagrado que possuem; a disposição para sentir o “eu superior”, entre outras.

A propósito disso, Sigmund Freud e Alfred Schutz descreveram qualidades psicológicas afins à mística. A explicação psicanalítica que Freud propôs ao sentimento religioso de algo ilimitado e à sensação de eternidade – “um vínculo indissolúvel, de ser uno com o mundo externo como um todo” (FREUD, 2006, p. 74) – tem a ver com a dissolução das fronteiras entre o *ego* e o mundo externo. Este autor interpreta a religiosidade partindo do pressuposto de que a forma como o adulto sente seu *ego* – isto é, como algo distinto do mundo – foi construída durante a vida. No recém-nascido, o *ego* incluiria tudo e, posteriormente, teria se distinguido do mundo. Daí que haja a possibilidade de sobrevivência – em maior grau em certas pessoas – do sentimento íntimo de vínculo com o universo, o sentimento religioso de algo “oceânico”.

Já Schutz destaca o conceito de *durée* elaborado por Henri Bergson, conceito que indica a experiência de uma corrente de consciência contínua, descrita como um fluxo de tempo puro, ou como “duração”, porque designa a “transição constante de um ‘agora-assim’ para outro ‘agora-assim’” (SCHUTZ, 1979, p. 60).

A *durée* é vivenciada pela consciência individual de forma unidirecional, irreversível. E, assim, é uma experiência que não considera quaisquer limites temporais ou espaciais traçados pelo intelecto. Aliás, Schutz nos assinala que, impreterivelmente, tal estado só se sustenta alheio à reflexão. No limite, até “a própria consciência da corrente de duração pressupõe uma volta contra a corrente” (SCHUTZ, 1979, p. 61).

Retomando o raciocínio anterior, estar misticamente possuído pelo sagrado pode significar o esquecimento temporário da separação entre o *ego* e o mundo externo e o distanciamento da “atenção à vida”, com o conseqüente mergulho na intuição da duração pura.

Ademais, a experiência mística prescreve a renúncia aos interesses cotidianos e tende à fuga do mundo, à minimização das ações. Se contrastarmos tal qualificação do conceito com o momento do retiro que o Processo exige, podemos pensar em um ambiente que permite uma pausa para com o mundo – em referência à “fuga contemplativa do mundo” típica de mosteiros.

Por outro lado, a rejeição dos interesses cotidianos se expressa na disposição de regulação e domínio dos processos corporais: conter os desejos sexuais, abster-se de alimentação e do uso de substâncias psicoativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado configura um esforço compreensivo. Sua primeira parte é descritiva e foi composta por esquemas das instalações do Sítio Aurora, dos procedimentos das orações diárias e dos comportamentos recorrentes nos momentos observados. Além disso, esta parte compartilha apontamentos dos tópicos relevantes contidos nas entrevistas e relatos.

Já a segunda parte do trabalho trouxe a Sociologia da Religião de Weber, a qual, por seu turno, auxiliou a compreensão do fenômeno ao fornecer conceitos de referência às aproximações e indicar elementos religiosos tipicamente dignos de nota. Isto é, a adoção deste instrumental teórico lançou luz ao objeto por apontar especificidades dos dados empíricos por meio dos conceitos e, igualmente, por orientar o rumo da apresentação e análise dos dados.

Essa condição de pesquisa permitiu que, ao observar um pouco das visões de mundo, os sentidos visados na ação das pessoas que passam pelo Processo fossem captados. Permitiu também que os fins subjetivos imbricados nesta vivência religiosa se revelassem. E apontou aquilo que o trabalho objetivava: significados religiosos dos 21 dias.

Evidentemente, o esforço aqui apresentado não esgota o problema de pesquisa, tampouco está à altura dos acontecimentos. Vale lembrar que os conceitos de Weber são tipos ideais e, por isso, expressam a realidade livre de inconsistências lógicas e atribuem às ações significados coerentes e unívocos. Daí que insistimos no título do trabalho: aproximações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COHN, Gabriel. Prefácio: Como um hobby ajuda a entender um grande tema. In: WEBER, Max. **Os fundamentos racionais e sociológicos da música**. Tradução de Leopoldo Waizbort. São Paulo: EdUSP, 1995.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. In: STRACHEY, J. (Ed.) e SALOMÃO, J. (Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol I. Brasília: EdUNB, 2012.

_____. **Ensaio de Sociologia**. GERTH, H.H. e MILLS, C. W. (orgs.). Tradução de Waltensir Dutra. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

BIBLIOGRAFIA

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Religião como solvente**: uma aula. Novos estudos – CEBRAP. 2006, n.75, pp. 111-127. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/nec/n75/a08n75.pdf>>.

SOUZA, Jessé (org.). **A atualidade de Max Weber**. Brasília: EdUNB, 2000.

WEBER, Max. **The Religion of India**: the sociology of Hinduism and Buddhism. GERTH, H. H. and MARTINDALE, D (trans. and ed.). Glencoe: The Free Press, 1958.

APÊNDICE – Roteiro de Entrevista

01. O que te despertou a disposição para passar pelo Processo de 21 dias?
02. E depois que você decidiu fazer o Processo, o que passava pela sua cabeça, como você imaginava que seria?
03. Durante o Processo, como você se sentia? Teve alguma dificuldade?
04. O que mais te ajudou a completar os dias de jejum?
05. As orações diárias foram importantes nesse sentido?
06. O que, em sua opinião, foi mais significativo de toda a experiência?
07. O que mudou na sua vida cotidiana depois do Processo? Houve alguma modificação em sua percepção do mundo e de si mesmo? Você passou a lidar de forma diferente com situações difíceis, com o sofrimento, com privações? Sente-se mais feliz, confiante, tranquilo?
08. Como você localiza a experiência do Processo em sua trajetória de vida?
09. Qual sua ocupação profissional ou fonte de renda?

ANEXO – Reprodução do Folheto de Orações

OM OM OM

VIBHUTIM

PARAMAM PAVITRAM BABA
 VIBHUTIM
 PARAMAM VICHITRAM LILA
 VIBHUTIM
 PARAMARTHA ISHARTHA MOKSHA
 PRADANAM
 BABA VIBHUTIM IDAM ASHRAYAMI

*Infinito é o poder do Teu Vibhuti, Ó Baba. Dá
 a visão espiritual e outorgue as nossas
 aspirações mais elevadas. Concede-nos o
 Dom Supremo da Libertação. Imensa é a
 Divina Proteção e a Graça de Teu Vibhuti, Ó
 Baba.*

PAI NOSSO

Pai Nosso que estais no Céu, santificado seja
 o vosso Nome, venha a nós o vosso Reino,
 seja feita a vossa vontade assim na terra como
 no Céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai
 as nossas ofensas assim como nós perdoamos
 a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis
 cair em tentação, mas livrai-nos de todo mal.

Amém.

A GRANDE INVOCAÇÃO

Do ponto de luz na Mente de Deus
 Que flua a luz às mentes dos homens
 Que a luz desça à Terra.
 Do ponto de amor no coração de Deus
 Que flua amor aos corações dos homens
 Que Cristo retorne à Terra.

Do centro onde a Vontade de Deus é
 conhecida
 Que o propósito guie as pequenas vontades
 dos homens,
 Propósito que os Mestres conhecem e servem.
 Do centro a que chamamos a raça dos homens
 Que se realize o plano de amor e de luz
 E se feche a porta onde se encontra o mal.

Que a Luz, o Amor, e o Poder restabeleçam o
 Plano Divino sobre a Terra.
 Hoje e por toda a Eternidade.
 Amém.

GAYATRI MANTRA

OM BHUR BHUVA SVAHA
 TAT SAVITUR VARENYAM
 BHARGO DEVASYA DHIMAHI
 DHIYO YO NAH PRACHODAYAT

Eu Saúdo aquele Ser, possuidor da efulgência divina e que é a causa e sustentação de todos os planos da existência. Que minha mente esteja sempre fixa e absorvida Nele e que Ele possa iluminar, purificar e inspirar meu intelecto.

ORAÇÃO DE CURA

Oh Pai Celestial, Tu és onipresente, Tu estás em todos os Teus filhos. Manifesta Teu poder de cura em nossos corpos. OM

Oh Pai Celestial, Tu és onipresente, Tu estás em todos os Teus filhos. Manifesta Teu poder de cura em nossas mentes. OM

Oh Pai Celestial, Tu és onipresente, Tu estás em todos os Teus filhos. Manifesta Teu poder de cura em nossas almas. OM

Oh Pai Celestial, Tu és onipresente, Tu estás em todos os Teus filhos. Manifesta Teu poder de cura nos corpos/mentes/almas dessas pessoas. OM

Oh Pai Celestial, Tu és onipresente, Tu estás em todos os Teus filhos. Manifesta Teu poder de cura no corpo/mente do Planeta Terra/na alma do Ser Terra. OM

MAHA MRITYUNJAYA MANTRA

OM TRYAMBAKAM YAJAMAHE
 SUGANDHIM PUSHTI VARDHANAM
 URVA RUKAMIVA BANDHANAT
 MRITYOR MUKSHIYA MAMRITAT

O Grande Mantra da Vitória Sobre a Morte Nós adoramos o ser de três olhos, (Senhor Shiva). Aquele que é perfumado e nutre a todos os seres. Que Ele nos liberte da morte, com o propósito da imortalidade. Do mesmo modo como um pepino maduro é separado da trepadeira.

ORAÇÃO DA COMUNIDADE

PAI NOS ACEITA JUNTOS, NÓS
 CRIAMOS JUNTOS, PROGREDIMOS
 JUNTOS, PERSEGUIMOS A VERDADE
 JUNTOS, SEMPRE NOS AMAMOS.

LOKAH SAMASTAH SUKHINO
 BHAVANTU

Que todos os seres sejam felizes

